

MÍDIA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO CIDADÃ DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL VICENTE LIBERATO DA CIDADE DE MUNHOZ DE MELLO –PR

Fernando Aparecido Rípoli*
Maria Carolina Saes Palma*
Luzia Yamashita Deliberador**

RESUMO

Este artigo pretende mostrar como a mídia e a comunicação comunitária puderam colaborar no aprendizado de alunos do ensino fundamental, servindo de ferramenta para atrair a atenção dos alunos e despertar habilidades e criatividade. Inicialmente, foram feitas propostas de oficinas, no intuito de trabalhar conceitos de identidade, cidadania, e leitura crítica da mídia, relacionando temas do cotidiano e da realidade individual e local do grupo. Posteriormente, foi feita a proposta da criação de um programa de rádio, que levou ao debate temas discutidos nas oficinas e que foram de interesse do grupo e do local onde estão inseridos, com o intuito de colaborar para o desenvolvimento crítico e cognitivo, e para a formação cidadã.

Palavras-chave: Mídia; Cidadania; Educação

ABSTRACT

This paper proposes to reveal how the media and community communication can make easy the learning of elementary school students, serving as a tool to attract students attention and raise skills and creativity. First, it was made any proposes for workshops, in order to work on concepts of identity, citizenship and critical reading of the media, covering themes of everyday life and individual and local group. Following, it was proposed the creation of an radio program that leads to debate issues discussed in the workshops and that was of interest to the group, and where they fit in order to collaborate to develop critical and cognitive, and civic education of the students.

Key-words: Media; Citizenship; Education

* Estudantes do 6º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Maringá, em Maringá/PR.

** Mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade São Paulo (ECA/USP). Professora aposentada da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e professora convidada do curso de Pós Graduação Lato Sensu em Comunicação Popular e Comunitária da UEL. Leciona as disciplinas de Mídia e Educação e Comunicação Comunitária para a graduação do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Maringá, em Maringá/PR.

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço dos meios tecnológicos, a educação formal foi perdendo cada vez mais espaço. As escolas estão tendo que rever seu papel na sociedade, pois entende-se que as mídias estão avançando sobre todas as direções, inclusive no universo familiar e individual de cada criança, e, os professores muitas vezes apresentam dificuldades em lidar com a mídia em sala de aula. Os alunos, por sua vez, necessitam de informações mais abrangentes, de mecanismos midiáticos que possibilitem uma maior e melhor visão do mundo.

Um dos desafios que o professor encontra hoje em relação à educação de crianças, é que além da capacidade de escrever e ler, é preciso emergir na cultura e dominar os diferentes códigos das diversas linguagens presentes na sociedade contemporânea. Em que medida o sujeito estará alfabetizado se não for capaz de ver, interpretar e problematizar as imagens da TV, de assistir e entender aos filmes, de analisar as publicidades criticamente, de ler e problematizar as notícias dos jornais, de escutar e de identificar programas de rádio, de saber usar o computador, de navegar nas redes e de produzir outras representações através de diversas mídias? Se estas e outras mídias não podem mais estar excluídas de um processo de alfabetização, precisamos discutir o que é estar alfabetizado no século XXI e o que significa a alfabetização midiática nesse contexto. (FANTIN, 2007, P.01)

A internet, o rádio e a TV são parte do cotidiano das crianças, mas não da forma positiva pela qual esses veículos deveriam estar inseridos. Percebe-se que é preciso avançar, levar as mídias até a sala de aula, e proporcionar aos alunos uma abertura para o senso crítico e para o desenvolvimento cognitivo e perceptivo da gama de informações que os rodeiam.

É nesse propósito que se norteia o projeto de Mídia Comunitária com os alunos da Escola Vicente Liberato, na busca da interação e mediação da criança com a mídia e com a comunidade, no sentido de apurar e desenvolver o conceito de cidadania e sua criticidade. As mídias avançam em todas as direções. É preciso avançar de encontro a ela, intermediando conhecimento, realidade, vivência e novas experiências.

Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser em busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode

descobrir-se como um ser inacabado que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (Freire, 2006, p. 27)

Baseando-se, portanto, nessas novas e dinâmicas experiências, antes mesmo de desenvolver o programa de rádio propriamente dito, será necessário desenvolver oficinas, com temas que envolvam cidadania, identidade e leitura crítica da mídia, a fim de que os alunos se sintam parte da sociedade e de seus meios, expondo suas idéias, dúvidas, experiências e sugestões.

O projeto será desenvolvido com crianças de 8 a 10 anos, da 4ª série do Ensino Fundamental, e tem como objetivo despertar a criticidade com relação à mídia e a sociedade, bem como apresentar a estrutura e produção radiofônica, e conscientizá-los do verdadeiro papel de uma rádio comunitária.

2. A MÍDIA-EDUCAÇÃO E A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NA FORMAÇÃO CIDADÃ

Inicialmente vamos conceituar o que é Mídia –Educação, e sua relação com a formação educacional e cidadã .

Falar de Mídia-Educação significa falar da construção de uma relação entre seus termos para aproximar objetos, saberes e fazeres envolvendo um olhar interdisciplinar que faz parte de um movimento internacional. Enquanto nos países do hemisfério norte a trajetória da Mídia-Educação envolveu a educação para a imagem e audiovisual, os meios - cinema, rádio, TV, jornal, Internet – e as multimídias e hoje significa a educação sobre, com e através das mídias, nos países latino-americanos seu percurso esteve fortemente ligado aos movimentos sociais, sendo crescente no contexto brasileiro sua discussão em universidades, escolas e outras instituições da prática social. (FANTIN, 2007, p.01)

A utilização e a prática de interação entre Mídia-Educação, vêm crescendo em grande escala no Brasil e em diversos países. Entender a educação como forma de compreender e analisar o discurso midiático é algo inovador, no sentido de dar ao aluno a chance de absorver a informação de forma positiva, saber filtrá-la e abrir a partir dela uma discussão do real contexto de imagens, sons ou palavras apresentado.

A relação comunicação e educação se dá no sentido de aproximar os meios, numa visão epistemológica, na qual o estudo da ciência do saber e fazer educar atuam na formação cidadã, na formação educacional e se fundem num mesmo propósito de criar e

desenvolver a consciência crítica, e também de desenvolvimento das culturas das informações da mídia e da educação.

Segundo Maria Luiza Beloni (2001), “mídia-educação (ou educação para as mídias) diz respeito à dimensão “objeto de estudo” e tem importância crescente no mundo da educação e da comunicação, (2001, p. 9)”. Se analisarmos, portanto, pela dimensão do objeto de estudo, a mídia-educação abrange toda a esfera educacional, desde o impresso à informação digital, sendo necessário, um estreito e denso estudo entre a pedagogia da educação formal e a ligação com as informações midiáticas que já fazem parte do dia-a-dia das crianças.

No âmbito das relações com a comunidade, especificamente no caso deste projeto apresentado, o objetivo é promover a parceria entre escola –sociedade, no sentido de inserir também a comunidade na formação cidadã e no desenvolvimento crítico e social.

Está aí o âmago da questão da educação para a cidadania nos movimentos sociais: na inserção das pessoas num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas. Tudo isso diz respeito a uma mudança de postura, de uma “cultura do silêncio” das maiorias, como já disse Paulo Freire (1981), ou a cultura da submissão, do cidadão ausente, de um cidadão sem voz para uma nova cidadania, como esclarece Jesús Martín-Barbero (1999). (PERUZZO, 2002. p.02)

3. O RÁDIO E COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Habitualmente, nos acostumamos a pensar nesses dois grandes campos do conhecimento como distintos, independentes e até divergentes em seus pressupostos e intenções. Por esse prisma, podemos compreender os numerosos pontos em comum entre a missão do educador e do comunicador, tais como: preservar e ampliar saberes constituídos; manter a coesão do tecido social; sustentar a lógica do sistema de produção e consumo; fortalecer o estado de direito; melhorar a relação interpessoal (entre indivíduos); melhorar a relação intrapessoal (dos indivíduos consigo mesmo).

Processos educativos e processos comunicativos, ambos entendidos basicamente como, ações objetivas direcionadas para organização e a transmissão de conhecimento de um indivíduo a outro. A diferença entre processos comunicativos e processos educativos são o

alcance; objetivo prioritário; sentido da informação; relação entre agentes do processo; relação com poderes constituídos. (CONSANI, 2007)

Enquanto os processos comunicativos tendem a expandir seu âmbito geográfico buscando um número sempre maior de interlocutores, o processo educativo demonstra grande preocupação com a preservação da mensagem transmitida, o que estende seu alcance no âmbito histórico.

Os processos educativos visam quase sempre a um fim utilitário que pode ser o de instruir sobre uso de tecnologias, disseminar as tonalidades lingüísticas, entre outros. Já os processos comunicativos costumam sustentar o que chamamos de “distinção menor entre meios e fins”.

No sentido da informação, os processos educativos costumam centralizar o fluxo da informação no sentido educador para educando.

Na relação entre os agentes do processo, os processos educativos enfatizam o ato de transmitir a informação mais do que recebê-la. Os processos comunicativos alimentam uma preocupação com quem recebe a mensagem, inclusive pela identificação deste personagem com o consumidor. (CONSANI, 2007)

Entre a relação com os poderes constituídos, pode-se considerar a relação íntima dos processos educativos com o Estado, poder político constituído, assume a universalização do ensino como uma de suas funções. Os processos comunicativos apesar de geridos pelo Estado, acabam se identificando mais com os setores produtivos, econômicos, uma vez que o poder capital investe na indústria da informação.

Sem dúvida, é fundamental para o educador responsável estar atento à convergência histórica entre Educação e Comunicação, especialmente quanto as Tecnologias da Informação e Comunicação.

A palavra Educomunicação, segundo Consani (2007) não pretende descrever o “atrelamento” de recursos comunicacionais num projeto pedagógico na escola. Também não quer dizer o contrário, isto é, que o campo da comunicação resolveu encampar a função institucionalizada da escola e substituir os professores por comunicadores.

Nesse contexto particular, as mídias e a mediação comunicativa não representam apenas “recurso a mais” dentro de um fazer já estruturado, o veículo, a situação e o ambiente privilegiados para sustentar a tríade conteúdos- habilidades- atitudes.

4. RÁDIO E EDUCAÇÃO

No Brasil, a transmissão de rádio foi oficialmente inaugurada no cenário da Independência, em 1922, por Roquette-Pinto. O radio atravessou várias fases, entre elas a

predominância do entretenimento musical, a conhecida “Era de Ouro”. Nesse período, surge também o “Repórter Esso”, programa símbolo de uma época, e de outro, a radionovela que vem antes da chegada da televisão no país. (CONSANI 2007)

O capítulo atual da radioeducação no Brasil não pode ser entendido sem a participação das organizações não governamentais (Ongs), estas conhecidas por integrar o terceiro setor. A denominação foi criada para diferenciá-lo de atividades do primeiro setor (Estado) e do segundo que é representado pela iniciativa privada.

Quando pensamos em usar o rádio na escola, é quase impossível pensar, num primeiro momento, na prática da audição dirigida de programas radiofônicos com fins didáticos. É importante frisar que a análise da recepção midiática é uma vertente possível de trabalho com o rádio em sala de aula.

O rádio, além de outros fatores, ainda é tão especial porque consegue resistir à concorrência das tecnologias que surgem diariamente. O rádio consegue inserir-se nelas de maneira quase sub-reptícia, como atestam os fenômenos da *webradio* e do *podcast*.

O rádio também se mantém em alta porque têm características próprias, como liberdade imaginativa, alcance humano, alcance geográfico, simplicidade de produção, baixo custo e agilidade. Outros fatores também mantêm o rádio em destaque, como a personalidade, adaptabilidade, essencialidade, identificação pessoal, didatismo, musicalidade e utilidade pública. (CONSANI 2007)

O rádio é uma forma de comunicação coletiva ou de “massa”, acessível e dinâmica que faz um resgate da oralidade, modalidade da comunicação que precedeu em muito a escrita e que sempre teve grande destaque como mediadora das relações humanas. O trabalho com a oralidade pode ajudar a minimizar problemas relacionados com a expressão escrita.

A maior parte das idéias e experiências relativas ao uso democrático e aberto das mídias na educação vem sendo gestada, nas duas últimas décadas, na esfera de atuação de Ongs e dos movimentos sociais comunitários.

A escola, considerando o espaço físico e a comunidade escolar composta por professores, funcionários, alunos, pais de alunos e equipe diretiva, tem valor fundamental na formação do cidadão, influenciando os participantes e o entorno dela para o exercício da cidadania de forma positiva, coerente com o que a sociedade espera em termos de atitudes frente aos mais variados aspectos exigidos para a construção de um mundo melhor. Professores e funcionários vêm-se envolvidos em um processo que investe na formação de seres humanos, portanto de grande responsabilidade.

Nesta busca de executar sua prática, cada vez melhor, os professores, principalmente, no trabalho direto com o aluno, aplicam metodologias para alcançar a construção de conhecimentos e, portanto, chegar à aprendizagem.

Dentro dessa esfera positiva de planejamentos e objetivos para o desenvolvimento de um programa de rádio feito pelas crianças, estabelecemos uma metodologia de oficinas nas quais elas poderão desenvolver a criticidade e visão de comunidade, educação e mídias, através de dinâmicas, orientações e estímulos no desenvolvimento da fala e da escrita.

5. OFICINAS

A primeira oficina é a de “Identidade”. O objetivo é despertar nos alunos o autoconhecimento, a importância de cada um na comunidade e as suas capacidades pessoais. Por meio de discussões e atividades procura-se alcançar os objetivos.

Tendo em vista que a cidade de Munhoz de Mello possui apenas quatro habitantes segundo o último censo divulgado pelo IBGE, observa-se que os alunos estão inseridos em uma pequena comunidade, na qual, as oficinas propostas neste trabalho possibilitarão uma nova oportunidade de se conhecerem falando um pouco sobre a idade, o local onde moram, o que gostam de fazer, etc.

Durante a oficina de Identidade, as crianças também devem ser estimuladas a fazer um desenho sobre elas, isso para levantar a discussão de como elas são na família; como são vistas ou como se vêem.

Durante a oficina, alguns participantes também participarão de uma dinâmica em que ficam com os olhos vendados e caminham na sala em meio a obstáculos. Tudo para mostrar que precisamos uns dos outros em uma comunidade e ainda que às vezes somos cegos em algumas situações mesmo sem ter nenhum problema de visão. Ex: você vê alguém jogando lixo no chão, mesmo sabendo que isso é errado, finge não ter notado.

Na segunda etapa do projeto os alunos participarão de uma oficina de “Cidadania e Relação com a comunidade”. Esta oficina tem como objetivos promover a consciência cidadã; ampliar o exercício da cidadania e levantar uma reflexão sobre o meio em que estão inseridos para a construção da cidadania como salienta Peruzzo:

A conquista da cidadania significa a passagem de súditos para cidadãos, cujo arcabouço social requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu status de cidadão à qualidade de participação (PERUZZO, 2001, p.2)

O que se procura é mostrar as crianças que cidadania vai além do direito de pertencer a uma nação, mas também abrange o direito de expressão, participação política e igualdade perante a lei.

Para estimular o debate os alunos devem assistir a uma reportagem sobre cidadania exibida no Jornal Hoje da Rede Globo. Na matéria uma repórter vive um dia de gari e mostra as dificuldades que esses profissionais enfrentam no dia-a-dia como à falta de respeito das pessoas que jogam papel, por exemplo, em um local que acabou de ser limpo.

Com base no vídeo, será perguntado aos alunos: o que é cidadania? Após a resposta será apresentada a definição do dicionário¹ que diz que: “... qualidade ou nacionalidade de cidadão. Cidadão: habitante da cidade; indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado”. Será feita uma nova interrogação aos alunos: cidadania vai além do que está exposto nos dicionários? O assunto deve ser debatido. Na Oficina, as crianças também poderão apresentar situações que para eles seriam um exemplo de cidadania e discutirem o que fazem ou deixam de fazer para a promoção da cidadania em Munhoz de Mello.

Na parte de relação com a comunidade, as crianças devem identificar os pontos positivos e negativos da cidade e ainda possíveis soluções. A discussão será transformada em um requerimento enviado ao prefeito de Munhoz de Mello. O debate tem o objetivo de mostrar aos alunos que eles estão inseridos na comunidade e podem e devem participar das discussões sobre o local em que vivem.

Em outro encontro será a vez de ser aplicada a oficina sobre o rádio. Por meio de dinâmicas e atividades como caça-palavras, os alunos poderão conhecer a história desse meio de comunicação, os gêneros do rádio, as funções e os materiais e equipamentos utilizados para a produção de um programa.

As duas últimas oficinas serão específicas para a criação do programa como a escolha de nome; assuntos a serem discutidos; vinhetas, etc. No estúdio de rádio as crianças serão estimuladas a mostrar seu talento e habilidade.

6. PROGRAMA

Como foi relatado no tópico anterior, a penúltima oficina será dedicada à criação do programa. Primeiro as crianças devem decidir os assuntos que serão debatidos baseados no que já discutiram durante as oficinas. Quando forem decididos os assuntos a serem tratados no

¹ Definição retirada do Dicionário Aurélio no link: www.dicionariodoaurelio.com/

programa, o nome deve ser escolhido. A democracia deve prevalecer nesse caso. Todos poderão sugerir nomes, o mais votado será efetivado.

Com os assuntos e o nome do programa escolhidos as crianças devem começar a escrever, ou seja, produzir o que foi pensado. Para isso devem ser divididas em grupos. Cada aluno terá o direito de decidir em qual grupo ficar de acordo com o que se identifica mais. Os grupos poderão ser divididos entre locutores, repórteres, produtores, etc.

Com os grupos formados, chegou a hora de começar a escrever e montar o roteiro do programa. Possíveis entrevistas também devem ser agendadas. Os monitores devem auxiliar as crianças na produção, mas deixar que elas mostrem criatividade e se expressem por meio dos temas.

Com a parte de produção de textos e as funções necessárias para o programa de rádio definidas, os alunos devem ser encaminhados a Rádio Comunitária Munhoz Fm onde terão o primeiro contato com os aparelhos radiofônicos. Elas devem gravar um primeiro programa chamado de “piloto”.

Na última oficina as crianças devem voltar ao estúdio de rádio e escutarem o piloto gravado na oficina anterior. Os monitores devem aproveitar a oportunidade para estimular os alunos a levantarem os pontos positivos e negativos no programa. Nesse momento, os monitores também devem chamar a atenção para a interpretação dos locutores, repórteres e apresentadores. É bom que eles entendam que a interpretação traz emoção e vida ao programa. Após essa discussão os alunos devem gravar um novo programa, esse de forma definitiva.

7. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS OFICINAS

Na oficina de identidade, os cerca de 20 alunos que participaram do projeto mostraram interesse em todas as atividades. Como era o primeiro encontro dos monitores com os alunos, todos tiveram a oportunidade de se conhecerem.

Os monitores transmitiram às crianças os objetivos do projeto e em seguida os alunos fizeram um desenho livre, mas em que eles estiverem presentes. Com esta dinâmica, foi possível identificar um pouco do perfil de cada aluno. Nos desenhos, eles retrataram cenas familiares ou com amigos e até mesmo uma antena de televisão, o que mostra a presença da mídia na vida deles. Os alunos também foram estimulados a falarem se o retrato feito era uma expressão de como eles são ou como as pessoas os vêem. Essa atividade foi importante para mostrar aos alunos que eles estão inseridos em uma comunidade, em uma família, enfim, que eles têm uma identidade.

Ainda na primeira, oficina os alunos participaram da dinâmica dos cegos detalhada no tópico anterior. Nela, eles reconheceram a importância do outro na vida deles e ainda admitiram e refletiram que em algumas situações eles são cegos, mesmo sem nenhum problema de visão. Uma das alunas chegou a citar que em casa derrubou uma colher no chão e não se importou como se não tivesse visto.

Na oficina de cidadania e relação com a comunidade, os alunos ficaram assustados ao verem que os garis limpam as cidades e as pessoas logo sujam como foi mostrado por meio da reportagem do Jornal Hoje. O espanto foi maior ao perceberem que na comunidade em que eles estão inseridos esse tipo de atitude é frequente.

Na discussão sobre cidadania eles afirmaram que ser cidadão vai além do que é definido nos dicionários. Para eles, a atitude de algumas pessoas mostradas na reportagem que jogavam lixo no chão é um exemplo de como não exercer a cidadania.

Ainda na oficina de cidadania e relação com a comunidade, as crianças falaram o que acham de bom ou não na cidade de Munhoz de Mello. A cidadania parece ter inspirado o debate, já que em vez de cobrar, por exemplo, uma quadra de esportes ou uma área de lazer, eles reclamaram das pessoas que não tem atitude cidadã. Disseram, por exemplo, que no posto de saúde pessoas com menos gravidade não cedem espaço para quem está com a saúde mais fragilizada. As crianças apresentaram soluções aos problemas. Nesse caso eles sugeriram uma campanha de conscientização com a população.

Na oficina sobre rádio, os alunos continuaram a mostrar interesse e acompanharam um breve resumo da história do rádio. Eles também brincaram com caça-palavras com palavras ligadas ao rádio, animados, também montaram caça-palavras e trocaram com os colegas.

Já conhecendo um pouco sobre o rádio, os alunos começaram a montar o programa. Eles decidiram que queriam falar sobre o lixo para mostrar à população a importância de respeitar quem cuida da limpeza da cidade. Para isso decidiram entrevistar uma funcionária pública (gari).

No debate para a formatação do programa, os alunos também sugeriram falar um pouco sobre higiene, a bucal foi a escolhida. Eles resolveram que o programa também teria de ter músicas e um breve histórico da cidade em que vivem.

Com os temas escolhidos, eles decidiram o nome do programa. A sugestão do aluno José Vitor Zequin foi a mais votada: “A hora da criança”. Com o nome e os temas escolhidos, empenhados, foram divididos em grupo e começaram a escrever o que pensaram.

Já no estúdio da Rádio Comunitária Munhoz FM, os alunos se mostraram mais atentos e interessados devido ao primeiro contato com os aparelhos midiáticos. A ideia de fazer o

programa que seria escutado pela comunidade em que estão inseridos também os estimulou nas atividades.

Na primeira gravação alguns alunos tiveram dificuldade na hora da interpretação, porém, na última oficina depois de ouvir o piloto do primeiro programa eles se esforçaram e conseguiram dar vida “A hora da criança”. Vale destacar que em todas as atividades as crianças mostraram interesse, tanto que as oficinas não eram obrigatórias e mesmo assim não foram registradas faltas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Apresenta algumas dificuldades para a leitura, interpretação de textos e resoluções de problemas”. Essa é a fala da professora, Ilda Glozer², a respeito do aluno J. V. Z. Como podemos observar, o aluno citado apresenta dificuldades em sala durante as atividades e conteúdos programados. Porém, nas oficinas e em contato com os aparelhos midiáticos, ele demonstrou facilidade para a interpretação de textos, tanto que é o apresentador do programa “A hora da criança”.

Essa é a prova concreta que a mídia não pode mais ser ignorada ou tratada como algo que vai apenas prejudicar os alunos, pelo contrário, a mídia pode atrair a atenção e ser utilizada como forma de exercitar o aprendizado de alunos como J. V. Z. e ainda descobrir talentos e despertar a criatividade. Afinal, com a dificuldade até mesmo para a leitura, os professores não acreditavam na possibilidade dele interpretar e apresentar um programa radiofônico.

Torna-se cada vez mais aceita a noção de que a formação cultural dos seres humanos nas sociedades contemporâneas passa muito pelas intermediações do cotidiano marcadas por um contexto de complexidade. Intermediações que ocorrem através da comunicação interpessoal, grupal e massiva e que se ampliam com a incrementação de novas tecnologias (Barros, 1997, p. 30).

A mídia não deve ser pensada como substituta aos livros didáticos, eles são importantes, mas podemos considerar a possibilidade de utilizar os meios de comunicação como uma ferramenta que auxilie no aprendizado. Por meio das oficinas identificamos que os alunos gostaram do contato com a mídia e os professores podem explorar isso para chamar atenção ao conteúdo didático.

² Ilda Glozer é professora da terceira série da Escola Municipal Vicente Liberato de Munhoz de Mello. Fala retirada de um texto feito pela professora relatando o perfil de cada aluno em sala de aula. O conteúdo está em poder dos autores desse artigo.

W. foi um dos alunos que participou das oficinas e do programa “A hora da criança”. De acordo com a professora dele, Valéria Corrêa Menegassi³, ele “... é um aluno desatento, tem muita dificuldade... Não tem culpa do jeito que é pelo fato de não ter uma família estruturada e passar por muitas dificuldades”. Novamente há diferentes comportamentos em relação ao perfil do aluno em sala de aula e o apresentado durante as oficinas.

O aluno W. durante as oficinas demonstrou total interesse participando de todas as atividades propostas pelos monitores. Ele colaborou na produção de textos e ainda participou da gravação de parte da história de Munhoz de Mello abordada no programa. Mesmo com as dificuldades, por exemplo, na hora da interpretação, W. ficou admirado com o contato com os aparelhos radiofônicos e a possibilidade de mostrar suas habilidades e se sentir valorizado.

Todos os alunos demonstraram algum tipo de superação nas oficinas. Isso pode ser comprovado comparando o que foi descrito pelas professoras do perfil deles em sala e como se comportaram durante as oficinas e em contato com os aparelhos midiáticos. Desde o trabalho em grupo até a o rompimento da barreira da timidez e das dificuldades de leitura e interpretação, o projeto “Mídia e Educação na formação cidadã dos alunos da Escola Municipal Vicente Liberato” mostrou que a mídia quando utilizada de forma correta pode transformar a vida de alunos, mas isso pode ir além, essa transformação pode atingir uma sala, uma escola, uma comunidade.

É necessário não olhar os meios de comunicação como ferramentas que só desvirtuam os alunos de suas responsabilidades. É preciso que os educadores reconheçam a influência da mídia na vida das crianças e utilizem esse meio a favor do aprendizado. Uma das professoras⁴ disse que cada aluno tem o seu tempo para aprender, isso é considerável já que cada aluno apresenta um perfil, mas podemos utilizar a mídia como ferramenta para atrair o interesse, por exemplo, dos alunos mais desinteressados e assim formar cidadãos críticos que tenham poder de participação e transformação na comunidade em que estão inseridos.

9. REFERÊNCIAS

BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética**. Nexos - Revista de Estudos de Educação e Comunicação. São Paulo: Univ. Anhembi-Morumbi, p.19-38, 2o. sem. 1997.

³ Valéria Corrêa Menegassi é professora da terceira série da Escola Municipal Vicente Liberato de Munhoz de Mello. Fala retirada de um texto feito pela professora relatando o perfil de cada aluno em sala de aula. O conteúdo está em poder dos autores desse artigo.

⁴ Fala da professora Valéria Corrêa Menegassi inserida no final do texto a respeito do perfil de cada aluno. O texto está em poder dos autores desse artigo.

BELLONI, M.L. **O Que é Mídia-Educação**. Campinas, Autores Associados, 2001.

CONSANI, MARCIEL. **Como usar o Rádio em sala de aula**. São Paulo, Ed.Contexto, 2007.

FANTIN, M. **Alfabetização midiática na escola**. In: Congresso de Leitura do Brasil COLE, 2007, Campinas. Anais do 16. Congresso de Leitura do Brasil COLE, 2007.

FANTIN, M. **Novo olhar sobre a mídia-educação**. In: 28a. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. Anais da 28a. Reunião Anual da ANPED, 2005.

FREIRE, PAULO. **Educação e Mudança**. São Paulo, Ed. Paz na Terra, 2006.

PERUZZO, Círcia. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. 2001. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/48.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2009 às 9h.